

## **A ponte entre dois mundos: as narrativas de intelectuais estadunidenses e latino-americanos na Commentary Magazine sobre a Revolução Nicaraguense**

**Roberto Moll\***

### **Introdução:**

Este artigo busca analisar as narrativas da revista Commentary Magazine, de viés neoconservador, sobre a Revolução Sandinista e o Governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional na Nicarágua, no contexto da chamada Crise da América Central. A hipótese que norteia este trabalho é que a Commentary Magazine funcionou como ponte para aproximar intelectuais orgânicos estadunidenses e latino-americanos na tarefa de amplificar a caracterização negativa da Revolução Sandinista nos Estados Unidos e, conseqüentemente, legitimar possibilidades de intervenção para salvaguardar interesses geo-estratégicos transnacionais na América Central.

A fonte e objeto principal desta pesquisa, a Commentary Magazine, foi fundada em 1945 pelo American Jewish Committee (AJC), uma organização voltada para defesa dos interesses dos judeus nos Estados Unidos a fim de “atender à necessidade de uma revista de pensamento significativo e opinião sobre assuntos judaicos e questões contemporâneas” (ABRAMS, 2010, p.3). Até meados dos anos 1970, o periódico adotou um viés próximo do liberalismo estadunidense pós New Deal, marcado pela compreensão de que o Estado deveria promover políticas públicas e programas sociais modernos e racionais com o objetivo de garantir que a cooperação e a competição entre os indivíduos se desenvolvesse em um ambiente de igualdade de condições econômicas, políticas e sociais para, em última instância, evitar revoluções radicais. No plano internacional, os liberais estavam divididos. De um lado, acreditavam que os Estados Unidos deveriam garantir transformar o mundo de modo multilateral no espaço do sonho americano – iluminado, livre, democrático e civilizado. De outro lado, temiam o aumento dos gastos militares, a corrida armamentista imperialista e, conseqüentemente, a deteriorização das

---

\* Mestre em História Social pelo PPGH – UFF; Doutor em Relações Internacionais pelo PPGRI San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP); e Professor de História do Instituto Federal Fluminense – IFF.

condições de vida, uma vez que os esforços econômicos seriam destinados ao belicismo e não ao bem estar.

Contudo, na segunda metade dos anos 1970, a *Commentary Magazine*, que passou a ser dirigida por Norman Podhoretz, adotou um viés neoconservador, marcado pela defesa de um discurso moral, contrário aos programas sociais e as políticas públicas igualitárias, atrelado a um modelo econômico asutero. Na lógica neoconservadora, as políticas sociais liberais atribuíam ao Estado papéis que deveriam ser assumidos pelos familiares, pela Igreja e pela comunidade. Nesse sentido, o Estado destinava recursos para os programas sociais, ao invés de incentivar a livre iniciativa e o emprego, sendo assim condescendente com a criminalidade, uma vez que abandonava a sua verdadeira função, a manutenção da ordem pública, em nome de outras atividades utópicas. Como consequência, as famílias se desestruturavam, os jovens perdiam as esperanças e passavam a valorizar a leniência e o consumo de drogas e a sociedade se fragilizava diante da criminalidade. Para resolver este problema, a prescrição era: reduzir os gastos governamentais; aumentar a taxa de juros; desregulamentar a economia; e instituir um sistema tributário regressivo. E, em paralelo, seria necessário reforçar os valores clássicos ocidentais para prover a base normativa para os Estados democráticos. No plano internacional, Os neoconservadores recuperaram as teorias de Kennan, Burnham e Rothbard, que acreditava que a União Soviética tinha por objetivo dominar o mundo por meio da disseminação de ideologias estatistas e totalitárias. Mais ainda, acreditavam que os Estados Unidos estariam a perder o protagonismo, o que, além de vexatório, colocaria em risco a democracia e a liberdade. Diante disso, os Estados Unidos deveriam recuperar o protagonismo, além de possuírem o dever de acabar com a ameaça à liberdade e à democracia no mundo. Isso quer dizer, retomar a estratégia de contenção e impedir qualquer tentativa de disseminação de ideologias e projetos estatizantes, como o comunismo, o nacionalismo ou o liberalismo.

### **1 – A revolução na área de interesse e segurança dos Estados Unidos**

A América Central e o Caribe ocupam uma posição periférica estratégica. Todo

fluxo de matérias primas e produtos manufaturados que entram e saem dos Estados Unidos para o hemisfério sul precisam cruzar a Bacia do Caribe, margeada por cinco países que compõe a América Central. Mais do que isso, a América Central, repleta de istmos e canais fluviais, consolidou-se como a melhor rota para interligar o Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico, para estabelecer um fluxo de mercadorias entre os Estados Unidos e a Ásia. Por isso, empresários e políticos estadunidenses alimentaram o desejo de construir um canal na América Central, o Canal do Panamá. Além de tudo, a região ocupa uma posição militar estratégica de segurança e defesa do território estadunidense ao impedir que invasores subam pelo Rio Mississippi em direção ao interior do país. Na prática, San Salvador está mais próximo de Washington do que San Francisco.

Em meio a Guerra Fria, como lembram Sam Gindin e Leo Panitch, os governos estadunidenses redefiniram o “interesse nacional” com vistas a defender e estender o capitalismo global. Neste contexto, de acordo com os autores, o objetivo internacional do Estado estadunidense era abrir o mundo politicamente, culturalmente e, sobretudo, economicamente a fim de criar as condições necessárias para a livre movimentação de capitais e mercadorias. Assim, os Estados Unidos conformam um “império informal”, que busca intervir militarmente apenas quando é necessário garantir um ambiente propício à acumulação global de capital, diferente dos antigos impérios que almejavam conquistar novos territórios. Nesta perspectiva, as intervenções estadunidenses não aconteceram somente para garantir o acesso a mercados e matérias-primas importantes às companhias do país, mas para construir um padrão de comércio e de economia global (GINDIN; PANITCH, 2012, p.4-11). O maior obstáculo aos objetivos dos Estados Unidos no cenário internacional era a União Soviética e as revoluções socialistas e nacionalistas.

Entre 1979 e 1992, a crise econômica e a instabilidade política marcaram a América Central, desencadeando processos revolucionários na Nicarágua e em El Salvador. Como aponta Edelberto Torres-Rivas (1993), tratou-se de um processo histórico com raízes em condicionantes locais, que, por coincidência diacrônica, se inseriu no contexto do conflito entre as duas potências. A ausência de legitimidade

política dos setores dominantes em uma conjuntura de crise econômica, e em meio à Guerra Fria, impulsionou o voluntarismo da guerrilha. Em outras palavras, foi uma crise hegemônica das oligarquias economicamente dominantes, que não puderam se estruturar em um ambiente competitivo da política em tempos de Guerra Fria. Nos espaços de ausência de hegemonia, o descontentamento se expressou em demandas populares e, sem obter respostas, desencadeou e generalizou a violência (TORRES-RIVAS, 1993, p.12).

Segundo Leonardo Garnier, entre 1950 e 1980, os países da América Central viveram um período de crescimento econômico, com uma taxa média de elevação do Produto Interno Bruto (PIB) regional de 5%. Neste mesmo período, a participação da agricultura no PIB diminuiu enquanto a da indústria e do governo aumentaram, movimento que aponta para um processo de diversificação e modernização da produção resultante da substituição de importações. Sendo assim, a América Central encontrou um contexto econômico internacional favorável à entrada de capitais, através do comércio e dos investimentos estrangeiros, principalmente devido ao aumento do preço do café e da banana, que, inclusive, permitiu contrabalançar o aumento dos preços do petróleo e dos produtos industrializados no início dos anos 1970 (GARNIER, 1993, p.90-96). Mas, conseqüentemente, os países da América Central ficaram ainda mais dependentes dos mercados estadunidenses. Mais do que a metade de todas as exportações da América Central tinham os Estados Unidos como destino (LAFEBER, 1984, p.209). Além disso, este modelo de crescimento e abertura econômica calcado na substituição de importações gerou desequilíbrios financeiros e não contribuiu para resolver os problemas sociais. O progresso alcançado, baseado no uso extensivo da terra e do trabalho, gerou ainda mais pobreza e desigualdade, especialmente no meio rural, onde vivia a maior parte da população (TORRES-RIVAS, 1993, p.13).

Nos anos 1980, esse modelo de crescimento econômico entrou em crise. A partir de 1977, os altos preços do café e da banana não conseguiram livrar os países da América Central dos efeitos da crise econômica mundial, que reduziu a demanda por produtos da região e, conseqüentemente, afetou a capacidade de exportação que alimentava o crescimento econômico. Mesmo com a diminuição das importações, observou-se em

todos os países uma deterioração dos termos de troca e da balança comercial, fazendo com que o mercado interno não fosse capaz de absorver a produção, uma vez que as relações de trabalho estavam baseadas na superexploração. O agravamento do empobrecimento dos trabalhadores, resultante da superexploração e da crise, aumentou a pressão sobre os gastos do setor público para aliviar a miséria. Para equilibrar o déficit, os governos centro-americanos recorreram ao sistema financeiro internacional, aumentando significativamente o endividamento. Ademais, os governos recorreram ao endividamento interno, com expansão do crédito. Todos esses fatores provocaram um processo inflacionário e de fuga de capitais, obrigando todos os países a adotarem políticas recessivas (GARNIER, 1993, p.97-103).

Como aponta Carlos Figueroa Ibarra, a crise política foi a expressão do descontentamento popular que se manifestou desde o fim da Segunda Guerra Mundial através de organizações político-militares e seus métodos de insurreição armada com reivindicações sociais e políticas democráticas. Em grande medida, a repressão e o terrorismo de Estado catalisaram a desobediência armada (IBARRA, 1993, p.39). Nos anos 1980, diante da insatisfação e da instabilidade, o esgotamento do modelo de acumulação levou ao esgotamento do modelo de governança. As ditaduras militares perderam a confiança da oligarquia tradicional e não conquistaram o apoio dos trabalhadores do campo e da cidade, e da nascente e diminuta elite urbana, revelando, mais do que uma simples crise política, uma crise de hegemonia.

Na Nicarágua, durante o domínio da família Somoza, entre 1936 e 1979, a maioria dos nicaraguenses estava à margem da participação política. Entrincheirado no Partido Liberal, de acordo com Victor Bulmer Thomas, o somozismo se apoiou na guarda nacional, nos Estados Unidos, na igreja católica e nas frações mais poderosas da burguesia sob um sistema de partidos políticos no qual a oposição tradicional (o Partido Conservador), em troca da liberdade de imprensa e da repressão mínima, aceitava os limites restritos da democracia (THOMAS, 2001, p.169).

Nas universidades, estudantes insatisfeitos com a realidade da Nicarágua, como Carlos Fonseca Amador e Tomás Borge, começaram a mesclar as ideias de Karl Marx e

Sandino, como forma de adaptar o marxismo à realidade nicaraguense. Em 1959, Fonseca Amador visitou Cuba e, influenciado por Castro e Guevara, voltou convencido a criar uma nova organização política. Dois anos mais tarde, com base no ideário de Sandino, Marx, Guevara, Castro e Mariátegui, Fonseca Amador fundou a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) em Tegucigalpa, Honduras. no final dos anos 1960, as derrotas deram notoriedade a FSLN, que ganhou simpatizantes nos centros urbanos, sobretudo entre os estudantes, que foram voluntariamente para o interior organizar os camponeses. Como aponta Vanden (2002), ao mesmo tempo, setores progressistas da igreja católica, sob influência da Teologia da Libertação, se voltaram para tentar transformar as péssimas condições de camponeses e trabalhadores. Neste sentido, muitas instituições ligadas à igreja começaram a atuar com a FSLN. A principal delas era o Instituto de Promoção Humana (INPRHU), que atuava sob influência de Paulo Freire, o educador marxista brasileiro, a fim de organizar os pobres. Além disso, figuras proeminentes da igreja nicaraguense, como Miguel D'Escoto e os irmãos Fernando Cardenal e Ernesto Cardenal, ingressaram nas fileiras da FSLN (VANDEN, 2002, p.362-366).

Em 1967, a crescente oposição coincidiu com as eleições presidenciais e com a morte de Luis Somoza, filho de Anastasio Somoza, ditador que governou a Nicarágua com suporte estadunidense de 1933 até 1956, que deixou a presidência em 1963, mas continuou governando de fato, através de René Gutiérrez e Lorenzo Guerrero. Seu irmão, Anastasio Somoza Debayle, chefe da guarda nacional, venceu o pleito. Antes mesmo de ser eleito, agiu com truculência para silenciar os protestos nas vésperas da eleição. A corrupção, a incompetência e os interesses continuaram os mesmos. Quatro anos mais tarde, Somoza Debayle, que pertencia ao Partido Liberal, estabeleceu um pacto com o Fernando Aguero, líder do Partido Conservador, para ser reeleito automaticamente e permanecer no poder por mais um mandato de sete anos, até 1981 (VANDEN, 2002, p.366). A jogada política provocou dissidências de pessoas que esperavam algum tipo de renovação, tanto no Partido Conservador quanto no Partido Liberal. Em 1974, pequenos partidos dissidentes do arranjo governamental se uniram ao Partido Social Cristão (PSC),

ao Partido Liberal Independente (PLI), ao Partido Socialista Nicaraguense (PSN) e fundaram a União Democrática de Libertação (UDEL), sob a liderança do jornalista conservador Pedro Joaquín Chamorro. A ampla coalizão excluiu a FSLN (THOMAS, 2001, p.171).

A sustentação do Governo Somoza Debayle piorou em 1972, quando o terremoto que atingiu o país matou 10.000 pessoas e destruiu Managua. A administração foi negligente com os atingidos e desviou verbas de ajuda humanitária em benefício de Somoza Debayle, inclusive para novos empreendimentos no setor de construção civil e urbanização. Em paralelo, a situação econômica piorou, a inflação aumentou e o custo de vida subiu cerca de 20%. Diante desses problemas, o governo perdeu o suporte dos setores do capital que sofreram com os problemas econômicos e não foram contemplados com a reconstrução e as verbas desviadas. Ademais, os trabalhadores da construção civil de Managua ficaram em posição de exigir melhores salários e deram nova vida ao movimento operário organizado, como a Confederação Geral do Trabalho Independente. Em 1978, forças somozistas assassinaram Pedro Joaquin Chamorro. Depois disso, Somoza Debayle perdeu, praticamente, todo apoio organizado que tinha, mesmo entre a oligarquia, mas a Guarda Nacional continuou fiel ao ditador (VANDEN, 2002, p.367-368; THOMAS, 2001, p.170-171).

Naquele mesmo ano a FSLN, depois de consolidar a unificação das tendências internas, capitaneou a formação da Frente Patriótica Nacional (FPN) junto com o PLI, o Partido Popular Social Cristão (PPSC), facções do PSN e outras organizações não partidárias, como as centrais sindicais e as organizações de estudantis. A esta altura, a FSLN já recebia armas de Cuba, Venezuela e Panamá, através da Costa Rica. Com o suporte bélico internacional e o apoio político nicaraguense a FSLN coordenou a insurreição popular que derrubou o Governo Somoza (VANDEN, 2002, p.369; THOMAS, 2001, p.174-175).

Depois da vitória, a FSLN estabeleceu o governo em parceria problemática com outros opositores do ditador. O ponto de maior atrito estava no campo político. As partes que derrubaram Somoza acordaram a formação de um Conselho de Estado com cinco

membros para formar o governo provisório e estabelecer um projeto de economia mista e política externa independente e não alinhada. Compunham a junta: Violeta Chamorro, Alfonso Robelo, Daniel Ortega, Sérgio Ramírez e Moisés Morales. Entretanto, para Anderson (1988), o real corpo executivo da Nicarágua era o diretório da FSLN composto por nove membros, sendo três de cada tendência, dentre eles: Daniel Ortega, Humberto Ortega, Tomás Borge, Bayardo Arce e Jayme Wheelock Román (ANDERSON, 1988, p.198).

De acordo com Vanden (2002), conservadores, liberais e cristãos estavam interessados em adquirir poder político para perpetuar o sistema autoritário, sem Somoza e o Partido Liberal. O comprometimento deles com a mudança social era limitado. Os sandinistas estariam mais interessados em uma transformação mais profunda da sociedade, mais preocupados com os resultados das mudanças sociais do que com as formas de estrutura política. Por isso, muitos deles não acreditavam em uma visão restrita de democracia, caracterizada pelo sistema partidário, participação popular mínima e exclusão da dimensão econômica e social. Assim, estavam mais interessados em fortalecer as organizações de trabalhadores, camponeses, mulheres e jovens (VANDEN, 2002, p.370).

Thomas lembra que a FSLN entendia, naquele momento, que o setor privado nacionalista tinha um papel importante na reconstrução do país, ainda que fosse oportuno criar um setor estatal dinâmico como primeiro passo (THOMAS, 2001, p.177-178). Entretanto, a dualidade ficou evidente nas reações dos principais empresários do país. No início de 1980, José Francisco Cardenal, empresário que participou da campanha antisomozista, deixou a Nicarágua e acusou os revolucionários de tentarem implantar o comunismo no país. Enrique Dreyfus, presidente do Conselho Superior da Empresa Privada (COSEP) continuou a operar em pontes entre o setor privado e governo.

Para Thomas (2001), no novo governo, a FSLN conseguiu criar uma nova Nicarágua, mas não resolveu todos os problemas do passado. Prometeu diminuir a dependência do mercado internacional, mas se viu administrando uma dívida externa grande e défices nas balanças de pagamento. Mesmo com grande apoio popular, os níveis

de produção e salários reais ficaram abaixo dos anos anteriores à revolução. Os sandinistas toleraram produtores privados em grande escala, submetidos ao controle de preços, crédito e remessa de lucros. Acreditaram que uma burguesia nacional nacionalista continuaria a produzir e investir, ainda que tivessem pouco poder político e acesso ao capital internacional. Por sua vez, o Estado não possuía a capacidade e o interesse em administrar setores da produção e as terras. Assim, o projeto de economia mista sofreu dificuldades desde o início da revolução (THOMAS, 2001, p.185-186).

Nos onze anos em que a FSLN esteve no poder, ex-somozistas, liberais e conservadores, com apoio do governo estadunidense, convulsionaram o país em uma guerra civil que matou aproximadamente 30.000 nicaraguenses. As Forças Democráticas Nicaraguenses (FDN), uma aliança entre ex-somozistas, conservadores e liberais insatisfeitos com a condução dos governos da FSLN, eram o principal inimigo dos sandinistas.

A FDN se formou em 1980, no noroeste do país, próximo à fronteira com Honduras, a partir da união de ex-somozistas. Dois anos mais tarde, a FDN consolidou seu poderio e sua atuação sob a liderança de Enrique Bermudez, ex-membro da Guarda Nacional fiel a Somoza Debayle, e os conservadores Fernando Chamorro Rapaccioli e Adolfo Calero, que participaram da revolução para derrubar o ditador, mas se desiludiram com o governo revolucionário. Com ajuda dos governos estadunidenses, as FDN ficaram conhecidas como “Contra”, corruptela de contrainsurgentes. Outros importantes líderes liberais e conservadores que participaram da revolução como Alfonso Robelo, Arturo Cruz e Chamorro Barrios se juntaram à Contra, sobretudo por estarem aliados da condução do processo de transformação política e econômica que ocorria na Nicarágua.

Na fronteira sul, limítrofe com a Costa Rica, os sandinistas enfrentaram a Aliança Revolucionária Democrática (ARDE). Edén Pastora, herói da revolução sandinista e ex-Ministro da Defesa do governo provisório, formou a ARDE com orientação nacionalista e sem tolerar nenhuma colaboração de somozistas. Em 1984, opositores da ARDE, não se sabe se a FDN ou a FSLN, explodiram uma bomba em uma coletiva de imprensa de Pastora. Cinco pessoas morreram. O líder da ARDE ficou gravemente ferido. Frente às

derrotas militares e a cisão de Robelo, a ARDE perdeu força. No início de 1986, Pastora deixou a ARDE para se dedicar à vida particular na Costa Rica. Os novos líderes do grupo, então, se aliaram a FDN.

## **2 – A caracterização negativa da Revolução Sandinista: as vozes estadunidenses**

Os intelectuais do periódico *Commentary Magazine* caracterizaram de modo negativo os revolucionários nicaraguenses, com a utilização de termos e expressões que os qualificam como traidores, submissos ao comunismo internacional, totalitários, violentos, desumanos, comunistas e antiestadunidenses.

Ao levar em conta a necessidade de mudanças controladas na América Central, os articulistas da *Commentary Magazine* acusaram a FSLN de trair e roubar os supostos ideais de democracia e liberdade da Revolução Sandinista. Segundo Max Singer, no artigo “Losing Central America”, a FSLN “claramente traiu as promessas democráticas feitas originalmente”<sup>1</sup> (SINGER, 1986, p.12, tradução nossa). Para Paul Hollander, professor de sociologia da Universidade de Massachusetts e pesquisador do Harvard Russian Research Center, no artigo “The Newest Political Pilgrims”, os revolucionários que assumiram o governo após a derrocada de Somoza estariam a “pensar em nada além dos interesses do seu partido”. Por isso, teriam promovido “ao invés de liberdade, novas formas de opressão”<sup>2</sup> (HOLLANDER, 1985, p.40, tradução nossa).

De acordo com David Horowitz, em “Nicaragua: A Speech to My Former Comrades on the Left”, os líderes da FSLN aprenderam com Fidel Castro “como roubar a revolução após a vitória e como assegurar o roubo através da manipulação de seus mais importantes aliados”. Como os revolucionários cubanos, os sandinistas teriam ocultado “sua verdadeira intenção (...) atrás de uma mentira revolucionária (a democracia

---

1

"clearly betrayed the democratic promises they originally made"

2

"who think of nothing but the interests of their party"; "instead of liberty, new forms of oppression".

pluralista)" e para consolidar o poder "elaboraram uma segunda mentira (a democracia dentro da revolução)". Por isso, como em Cuba, "não [haveria] democracia nenhuma na Nicarágua, exatamente o que os sandinistas queriam quando começaram". Os líderes da FSLN estariam a praticar o "cinismo", o ensinamento mais importante de Fidel Castro, ao "prometer democracia e organizar a repressão (...), ao falar em paz e planejar a guerra, ao defender a justiça e entregar a Nicarágua a uma fraternidade de Estados desumanos, repressivos, militarizados e economicamente aleijados". Portanto, a Nicarágua estaria "entregue a homens totalmente cínicos e totalmente impiedosos"<sup>3</sup> (HOROWITZ, 1986, p. 27-31, tradução nossa).

A traição teria revelado que a FSLN era um agente comunista, subordinado aos interesses da União Soviética e de Cuba. Sendo assim, a crise na América Central seria resultado direto do projeto soviético de dominação comunista. No artigo "U.S Security and Latin America", Jeane Kirkpatrick afirmou que "a deterioração da posição dos EUA no hemisfério criou vulnerabilidades sérias, onde não existiam anteriormente, e ameaça agora a confrontar este país com a necessidade sem precedentes de se defender contra um anel de bases soviéticas em torno das nossas fronteiras meridionais e orientais". Neste sentido, Cuba se tornou "um instrumento significativo de expansão soviética", sobretudo na América Central e no Caribe, ao fornecer armas, suprimentos e consultoria aos grupos revolucionários<sup>4</sup> (KIRKPATRICK, 1981, p.38-40, tradução nossa).

Bem como os soviéticos e cubanos, os revolucionários da FSLN seriam totalitários, violentos e avessos aos valores ocidentais. Segundo Kirkpatrick, no artigo

---

3

"how to steal the revolution after victory, and how to secure their theft by manipulating their most important allies"; "concealed their true intention (...) behind a revolutionary lie (a pluralist democracy)"; "they fashioned a second lie (democracy, but only within the revolution)"; "at the end of the process there will be no democracy in Nicaragua at all, which is exactly what (...) the Sandinistas intended when they began"; "cynism"; "promise democracy and organize repression (...), to talk peace and plan war, to champion justice and deliver Nicaragua to a fraternity of inhumane, repressive, militarized, and economic cripple states"; "in the grip of utterly cynical and utterly ruthless men".

4

"deterioration of the U.S position in the hemisphere has already created serious vulnerabilities where none previously existed, and threatens now to confront this country with the unprecedented need to defend itself against a ring of soviet bases on and around our southern and eastern borders"; "a significant instrument of soviet expansion".

“Dictatorship and Double Standard”, após a revolução, os sandinistas refletiram “o característico desejo totalitário de absorver a sociedade para o Estado” e as estreitas relações com Cuba e com a União Soviética<sup>5</sup> (KIRKPATRICK, 1979). Para Max Singer, no artigo “The Record In Latin America”, logo que Somoza caiu, o diretório sandinista teria rejeitado a democracia e a liberdade. Os sandinistas teriam “gradualmente excluído do poder todos os outros elementos [não totalitários] da coalizão revolucionária” e violado “os compromissos escritos com a OEA no intuito de assegurar imediatamente eleições livres e manter o pluralismo democrático”. O novo governo nicaraguense estaria composto de “verdadeiros crentes no marxismo-leninismo e em técnicas totalitárias para garantir e assegurar o poder, (...) inimigos da democracia”<sup>6</sup> (SINGER, 1982, pp.43-49, tradução nossa). Quatro anos mais tarde, Singer afirmou que os sandinistas assumiram o governo da Nicarágua “através da força e da fraude” e teriam “atacado os sindicatos livres e todas as outras instituições independentes” com uma polícia secreta que fez “uso extensivo de tortura e assassinato”. Portanto, os sandinistas estariam a “brutalmente suprimir as organizações democráticas”, mantendo “milhões de pobres almas (...) condenadas a viver sob a tirania totalitária”<sup>7</sup> (SINGER, 1986, p.11-14, tradução nossa). Para Horowitz, após a revolução, a FSLN, como Stálin, “instituiu uma ditadura por meio de um diretório”<sup>8</sup> (HOROWITZ, 1986, p.28, tradução nossa).

Após trair a revolução, os sandinistas estariam consolidando seu poder totalitário internamente por meio da violência psicológica. De acordo com Mark Falcoff, em “How to Understand Central America”, os sandinistas promoveram “censura e perseguição de

5

“the characteristic totalitarian desire to absorb the society into the state”.

6

“gradually excluded from power all the other elements in the revolutionary coalition”; “their written commitments to the OAS to hold prompt, free elections and maintain democratic pluralism”; “marxisti-leninist true believers and totalitarian techniques of securing and holding power (...) enemies of democracy”.

7

“by fraud and holds by force”; “attacked the free trade unions and all other independent institutions”; “which makes extensive use of torture and murder”; “brutally suppressing democratic organizations”; “millions of poor souls (...) doomed to live under totalitarian tyranny”.

8

“instituted a dictatorship by directorate”.

opositores que levaram à turbulência doméstica generalizada”<sup>9</sup> (FALCOFF, 1984, p.30-38, tradução nossa). Ainda segundo Falcoff, no artigo “Nicaraguan Harvest”, o “crescente Estado totalitário na Nicarágua” não seria resultado da pressão dos Estados Unidos, porque antes mesmo de Reagan assumir a presidência “os sandinistas já tinham imposto censura à imprensa; criado comitês de vigilância de bairro para monitorar a vida dos cidadãos comuns; e começado a estabelecer – com ajuda de Cuba – exército e aparato policial doméstico mais elaborado na América Central”<sup>10</sup> (FALCOFF, 1985, p.21-28, tradução nossa). Para Hollander, a FSLN substituiu Somoza por uma “tirania totalitária” na qual “a liberdade de imprensa tem sido praticamente extinta”. Por isso, os sandinistas estariam “evidentemente determinados a ignorar os anseios democráticos do povo da Nicarágua” com total “ausência de liberdade”<sup>11</sup> (HOLLANDER, 1985, p.37-41, tradução nossa).

Em alguma medida, todos os articulistas da Commentary acusaram os sandinistas de exercer violência física e métodos desumanos para impor um projeto político totalitário. Para Kirkpatrick, Somoza, um ditador razoavelmente tolerante com a oposição, foi substituído por oponentes “radicais” e “violentos” comprometidos com uma revolução política e social<sup>12</sup> (KIRKPATRICK, 1979, p. 32-33, tradução nossa). Para Singer, os sandinistas eram um “rolo compressor de mentira, engano e brutalidade” e a população nicaraguense estaria a sofrer com “horror do estado de guerra e a dificuldade de realizar operações clandestinas contra o brutal” governo<sup>13</sup> (SINGER, 1986, p.11-14,

9

---

“censorship, and harassment of opponents led to widespread domestic turmoil”

10

“growth of a totalitarian state in Nicaragua”; “the sandinistas had already impose press censorship; established neighborhood surveillance committees to monitor the lives of ordinary citizens; and begun to establish – with cuban assistance – the largest army and most elaborate domestic police apparatus in Central America”.

11

“totalitarian tyranny”; “freedom of the press has been practically extinguished”; “evidently determined to ignore the democratic yearnings of the nicaraguan people”; “the absence of liberty”.

12

“radical”; “violent”.

13

tradução nossa).

A Nicarágua seria a primeira peça de uma série, que ao cair (se tornar comunista), empurraria suas vizinhas – como Panamá, Colômbia, Venezuela e México – para o mesmo destino. Por isso, estaria atuando como ponto de distribuição de armas vindas do Vietnã e da Etiópia, através de Cuba, para outros revolucionários na América Central.

Segundo Max Singer, os sandinistas promoviam a expansão do comunismo e do totalitarismo na região com ajuda do “terrorismo internacional”. Os sandinistas estariam prontos para consolidar o poder internamente e através da “subversão armada contra seus três vizinhos”. Por isso, a América Central, em cinco ou dez anos, seria “tão comunista quanto o Leste Europeu”<sup>14</sup> (SINGER, 1986, p. 11-14, tradução nossa). Os soviéticos seriam “os patronos secretos da praga terrorista do mundo”. Inclusive, os sandinistas teriam “louvado os bárbaros” ao não condenar a invasão ao Afeganistão, “uma atrocidade calorosamente aprovada”. Para Horowitz, o objetivo da revolução sandinista era “usar o país como base para espalhar o terror comunista e os regimes comunistas em todo o hemisfério (...) para destruir as sociedades ainda fora do perímetro totalitário, e seu protetor chefe, os Estados Unidos”<sup>15</sup> (HOROWITZ, 1986, p. 27-31, tradução nossa).

De acordo com Constantine Menges, pesquisador especialista em política externa dos Estados Unidos do Hudson Institute, a OLP e outros supostos grupos terroristas radicais árabes proviam “um excelente exemplo de cooperação entre os grupos terroristas antiocidentais”. A Líbia, considerada um Estado terrorista, estaria a “prover uma ampla ajuda para os revolucionários na América Central”. Para Menges, estava “óbvio que o

---

“juggernaut of lies, deceit, and brutality”; “horror of such warfare and the difficulty of clandestine operations against the brutal”

14

“international terrorism”; “manipulated by personal and financial pressures”; “fear retaliation of various kinds for anti-sandinistas activity”; “think that the sandinistas are going to win and that it is therefore useless and dangerous to act against them”. “speak and act like communists”; “armed subversion against their three neighbors”; “as communist as Eastern Europe”.

15

“the covert patrons of the world's terrorist plague”; “praise for the barbarians”; “an atrocity warmly endorsed”; “use the country as base to spread Communist terror and Communist regimes throughout the hemisphere (...) to destroy the societies still outside the totalitarian perimeter, and their chief protector, the United States”.

laço que une os terroristas da América Central e do Oriente Médio [era] o inimigo comum, os Estados Unidos”. Além disso, o México e os socialdemocratas da Europa estariam unidos à Cuba em um “eixo Havana-México-Sociais Democratas” que teria viabilizado a revolução na Nicarágua (MENGES, 1981, pp. 32-38, tradução nossa).

Isto seria resultado da esquerda radical inserida no Partido Revolucionário Institucional (PRI) e em partidos socialdemocratas na Europa, que teriam conseguido dar ênfase ao “anti-imperialismo e ao nacionalismo, enquanto ignora a democracia e rejeita qualquer noção de possíveis perigos de formar coalizões com grupos comunistas”. Juntas, essas forças estariam formando “movimentos revolucionários antiocidentais no Terceiro Mundo” com o objetivo de estabelecer uma cooperação com os possíveis novos governos nessas regiões para atenuar os efeitos econômicos da dependência de matérias primas de suas economias<sup>16</sup> (MENGES, 1981, pp. 32-38, tradução nossa).

### **3 - A caracterização negativa da Revolução Sandinista: as vozes latino-americanas**

No mesmo periódico, comentarista latino-americanos, mormente ligados a oposição nicaraguense, utilizaram um vocabulário bastante semelhante para caracterizar os sandinistas de modo negativo como traidores, submissos ao comunismo internacional, totalitários, violentos, desumanos, comunistas e antiestadunidenses. Assim, garantiram respaldo e legitimidade às vozes estadunidenses, como aqueles que conhecem verdadeiramente a causa. Isto fica ainda mais acentuando na medida em que outras vozes da América Latina, pró sandinistas, são totalmente silenciadas. Assim, constroem um mecanismo de generalização que passa para o leitor uma perspectiva unilateral do processo revolucionário na Nicarágua como unanimidade verdadeira.

Jaime Chamorro, que se considerava o genuíno revolucionário de 1979, acusou,

---

16

“an excellent example of cooperation among anti-western terrorist groups”; “obvious that the tie that binds the terrorists of Central American and Middle East is their common enemy, the United States”; “Havana-Mexico-Social-Democratic Axis”; “anti-imperialism and nationalism while ignoring democracy and rejecting any notion os possible danger from forming coalitions with communists groups”; “anti-western revolutionary movements in the Third World”.

no artigo “How La Prensa Was Silenced”, a FSLN de ter “traído a revolução que os levou ao poder”, sobretudo “entre as primeiras promessas que quebraram estaria à liberdade de imprensa”. Para Chamorro, desde a revolução, as vozes independentes, genuinamente revolucionárias, estariam a ser “metodologicamente silenciadas”<sup>17</sup> (CHAMORRO, 1987, p.39-44, tradução nossa).

Para Chamorro, logo que assumiram o poder, os sandinistas instituíram “leis que deram ao governo poderes restritivos virtualmente ilimitados sobre a imprensa e outros meios de comunicação (...) com uma série de critérios deliberadamente ambíguos e censura prévia estabelecida”. Ainda de acordo com o proprietário do La Prensa, a partir de 1981, os sandinistas teriam iniciado “uma campanha sistemática de perseguição e intimidação contra La Prensa”, que estaria “proibida de publicar uma variedade de itens”. Também naquele ano, sandinistas teriam “fechado La Prensa” inúmeras vezes sem razão alguma, a não ser “com o propósito de intimidação”. Em 1982, teriam elaborado “novas e mais amplas restrições contra a imprensa”. Apesar das justificativas sandinistas, as pessoas estariam sabendo que “o que estava sendo censurado não tinha nada a ver com a segurança nacional”, mas com a “política do regime, o sistema de governo de partido único, a corrupção (peculato, apropriação indevida de fundos públicos, de resíduos em larga escala), e a criação de uma burocracia monstruosa para implementar os ditames de um Estado polvo emergente”<sup>18</sup> (CHAMORRO, 1987, p.39-44, tradução nossa).

Segundo Chamorro, os sandinistas seriam o “somozismo de esquerda”. As “turmas sandinistas”, com apoio do governo, teriam, “em repetidas ocasiões atacado instalações

---

17

“betrayed the revolution that had brought the to power”; “among the first pledges they broke was the one concerning freedom of the press”; “methodically silencing”.

18

“laws which gave the government virtually unlimited restrictive powers over the press and other media (...) upon a range of deliberately ambiguous criteria, and established prior censorship”; “a systematic campaign of harassment and intimidation against La Prensa”; “forbidden to publish a variety of items”; “closed down La Prensa”; “for purpose of intimidation”; “new and more sweeping restrictions against the press”; “what was being censored usually had nothing to do with national security”; “regime’s politics, its system of one-party government, its corruption (embezzlement, misappropriation of public funds, large-scale waste), and its creation of a monstrous bureaucracy to implement the dictates of an emerging octopus state”.

do La Prensa e cercado as casas de seus proprietários e funcionários (...) arremessando pedras, pintando palavras obscenas e slogans nas paredes, batendo de porta em porta e insultando as pessoas dentro (...) deixando para trás (...) terror” (CHAMORRO, 1987, p. 39-44, tradução nossa). Aproximadamente 20% dos funcionários do periódico estariam deixando o país devido às “ameaças ou atos de violência física”. Em uma ocasião, as “turbas sandinistas” teriam invadido a casa de um funcionário do periódico e “batido” nele até que perdesse a consciência e depois teriam “ameaçado matá-lo”. Outros funcionários teriam sido “aprisionados em acusações forjadas”. Ademais, as turbas sandinistas teriam atacado os pontos de distribuição do La Prensa e “perseguido” empregados e empregadores até que parassem de comercializar o periódico<sup>19</sup> (CHAMORRO, 1987, p. 39-44, tradução nossa).

Para Carlos Rangel, no artigo “México & Other Dominoes”, a partir da atuação de Cuba se colocava em curso uma tática de dominação comunista correspondente à “Teoria dos Dominós”. Diante do suposto fracasso da experiência comunista na ilha, o governo cubano estaria defendendo a tese de que era necessário promover a “destruição dos últimos resquícios do capitalismo e o triunfo mundial do comunismo”. Portanto, estaria atuando na América Central como “a ponta de lança de uma revolução comunista mundial”. O governo cubano seria “o mais sórdido internamente e o mais agressivo externamente dentre todos os regimes comunistas”<sup>20</sup> (RANGEL, 1981, p.30-33, tradução nossa).

Segundo Luís Burstín, médico e político costarricense, os movimentos políticos populares da América Latina estavam “alinhados com Moscou”, sobretudo porque os comunistas soviéticos seriam a “única força revolucionária realmente eficaz na

---

19

“somocismo of the left”; “sandinista mobs”; “on repeated occasions they attacked La prensa installations and besieged the homes of its owners and functionaries (...) throwing stones, painting obscene words and slogans on the walls, pounding on doors, and hurling insults at the people inside (...) leaving behind (...) terror”; “threats or acts of physical violence against them”; “beaten”; “threatened kill him”; “imprisoned on trumped-up charges”; “harassed”.

20

“destruction of the last remnants of capitalism and the worldwide triumph of communism”; “the spearhead of a world communist revolution”; “the nastiest at home and most aggressive abroad of all communist regimes”.

América Latina”. Os revolucionários em Cuba ou na Nicarágua eram “utilmente barulhentos e agressivos, e às vezes, [poderiam] derrubar um ditador como Batista ou Somoza”, mas “não seriam capazes de realizar o nocaute até que os comunistas associados a Moscou e seus patrocinadores entrem em cena”<sup>21</sup> (BURSTIN, 1985b, p.52-55, tradução nossa).

De acordo com Penn Kemble e Arturo Cruz Jr., no artigo “How The Nicaraguan Resistance Can Win”, os sandinistas estavam voltados para “reprimir o povo” utilizando a escassez como um método de “microgestão política da população”. Através do sistema de racionamento, administrado pelos Comitês de Defesa Sandinistas, o novo governo estaria a “sustentar uma atmosfera de medo e cautela na população”. Limitar o acesso aos alimentos e bens de consumo de possíveis opositores seria “um poderoso elemento para dissuadir qualquer insurreição popular”. Este seria o “mecanismo básico de controle político do regime”<sup>22</sup> (KEMBLE; CRUZ JR., 1986, p. 19-29, tradução nossa).

### **Conclusão – A legitimação da intervenção**

Os intelectuais da Commentary Magazine apresentaram os Contra como a melhor possibilidade de colocar em prática a intervenção para transformar a América Central, sem ter que enviar jovens soldados estadunidenses. Definiram os Contra de modo positivo como populares, democráticos, independentes, libertadores e modernos.

Os Contra foram classificados como um movimento genuinamente popular, composto por atores democráticos que lutavam pela liberdade, independência e por reformas modernizantes. Guardavam o verdadeiro sentido da revolução de 1979, mesmo tendo sob suas fileiras uma forte influência dos agentes da Guarda Nacional somozista.

---

21

“align themselves with Moscow”; “the only really effective revolutionary force in Latin America”; “usefully noisy and belligerent, and they can sometimes overthrow a dictator like Batista or Somoza”; “not capable of delivering a knockout blow (...) it is only when the Moscow-Attached Communists and their sponsors come onto stage”.

22

“repress people”; “political micromanagement of population”; “sustain an atmosphere of fear and caution in the population”; “a powerful deterrent to popular insurrection”; “the regime's basic mechanism of political control”.

Nesta narrativa, os Contra seriam os verdadeiros agentes da transformação da Nicarágua.

Para Max Singer, os Contra eram um "movimento popular de resistência", com o objetivo de assegurar a “democracia, a independência e a liberdade de religião, além de algumas reformas econômicas e sociais”. Ao contrário das críticas e acusações dos sandinistas, seriam ainda “um movimento popular genuinamente nativo cuja liderança política não consiste principalmente de ex-somocistas, mas de ex-aliados dos sandinistas na revolução que derrubou Somoza”. Portanto, estariam comprometidos com os “valores democráticos”<sup>23</sup> (SINGER, 1986, p. 11-14, tradução nossa). Para Falcoff, os Contra não estariam lutando para instituir um novo Somoza, mas por “eleições realmente livres” e para “abrir o processo político” a fim de que “todos os elementos da oposição [pudessem] livremente se organizar e fazer campanha”<sup>24</sup> (FALCOFF, 1984, p. 36, tradução nossa).

Ao produzir narrativas discursivas sobre a realidade da América Central, a *Commentary Magazine* caracterizou os revolucionários na Nicarágua como traidores dos verdadeiros propósitos da revolução, subordinados aos interesses da União Soviética e Cuba, totalitários, violentos, desumanos, terroristas e comunistas. Portanto, uma ameaça aos Estados Unidos. Diante disso, a *Commentary Magazine* apresentou medidas de intervenção para salvar a América Central, sobretudo através dos Contra, que na prática também escreviam no periódico e conferiram legitimidade a narrativa.

Nos termos definidos por Campbell, a *Commentary Magazine* reproduziu o “paradigma da soberania”, que funciona na dicotomia entre bem e mal. Caracterizaram o “outro” estrangeiro com vocábulos que tem conotação negativa, que, mesmo distante, ameaça a ordem. O enquadramento dentro desses elementos negativos possibilita a diferenciação e a hierarquização em relação aos próprios leitores, mormente estadunidenses. Desse modo, a construção do “outro” que habita a Nicarágua funcionou

---

23

“popular-resistance movement”, com o objetivo de assegurar a “democracy, independence, and freedom of religion, plus some vague economic and social reforms”; “a genuinely indigenous popular movement whose political leadership mainly consists not of former somocistas but of former allies of the sandinistas in the revolution that overthrew Somoza”; “democratic values”

24

“genuinely free elections”; “open the political process”; “all elements of the opposition may freely organize and campaign”.

como um artefato de construção de uma concepção positiva dos Estados Unidos, como um “povo escolhido” para levar adiante a missão de redimir o mundo. Em outras palavras, o elemento estranho e externo desenhou um destino comum para a “comunidade imaginada”: ser livre e livrar o mundo. Assim, mesmo que de forma despropositada, buscou estimular o povo a se engajar em diferentes projetos de intervenção na América Central. Mais do que isso, a narrativa da revista municiou aqueles que tinham interesse em intervir na América Central com argumentos calcados em concepção de missão de salvar o país e o mundo do possível domínio de elementos malignos.

**Referencias:**

ABRAMS, Elliott. The deal in Central America. **Commentary Magazine**, New York, v. 87, n. 5, p. 29-32, mai, 1989.

ABRAMS, Nathan. **Norman Podhoretz and Commentary Magazine: The Rise and Fall of the Neocons**. New York: Continuum, 2011.

ALTERMAN, Eric. **The Cause: The Fight for American Liberalism from Franklin Roosevelt to Barack Obama**. New York: Penguin Books, 2012.

ANDERSON, Thomas P. **Politics in Central America**. Santa Barbara: Praeger, 1988.

BALINT, Benjamin. **Running Commentary: The Contentious Magazine that Transformed the Jewish Left into the Neoconservative Right**. New York: Public Affairs, 2010.

BERLET, Chip; LYONS, Matthew N. **Right wing populism in America: too close for comfort**. New York: The Guilford Press, 2000.

BERMAN, William C. **America's right turn: from Nixon to Bush**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994.

BRINKLEY, Alan. **Liberalism and its discontents**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

BURSTIN, Luis. A few home truths about Latin America. **Commentary Magazine**, v. 79, n. 2, p. 46-53, fev, 1985.

\_\_\_\_\_. A night with the FMLN. **Commentary Magazine**, New York, v. 79, n. 6, p. 52-55, jun, 1985.

CAMPBELL, David. **Writing Security: United States Foreign Policy and the Politics of Identity**. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 1998.

CHAMORRO, Jaime. How 'La Prensa' was silenced. **Commentary Magazine**, New York, v. 83, n. 1, p. 39-44, jan, 1987.

CRUZ JR, Arturo; FALCOFF, Mark. Who won Nicaragua?. **Commentary Magazine**, New York, v. 89, n. 5, p. 31-38, mai, 1990.

\_\_\_\_\_. Mr. Yankee goes home. **Commentary Magazine**, New York, v. 88, n. 2, p. 47-48, ago, 1989.

FALCOFF, Mark. How to understand Central America. **Commentary Magazine**, New York, v. 78, n. 3, p. 30-38, set, 1984.

\_\_\_\_\_. Nicaraguan harvest. **Commentary Magazine**, New York, v. 80, n. 1, p. 21-28, jul, 1985.

FALCOFF, Mark. Why europeans support the sandinistas. **Commentary Magazine**, New York, v. 84, n. 2, p. 61-65, ago, 1987.

\_\_\_\_\_. Making Central America safe for communism. **Commentary Magazine**, New York, v. 85, n. 6, p. 17-24, jun, 1988.

GARNIER, Leonardo. La economia centroamericana em los ochenta: nuevos rumbos o callejón sin salida?. In: TORRES-RIVAS, Edelberto (ed). **Historia General de Centroamerica: historia inmediata (1979-1991)**. Ediciones Siruela, 1993.

GERSTLE, Gary. The protean character of American liberalism. In: **American historical review**, Vol. 99, N°. 4, p.1046, out. 1994.

GERSTLE, Gary. **American crucible: race and nation in the twentieth century**. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

GILL, Stephen (org). **Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

GINDIN, Sam; PANITCH, Leo. **The Making of Global Capitalism: The Political Economy of American Empire**. New York: Verso, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere. V 3: Maquiavel: Notas sobre o Estado e a política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. **Cuadernos de La Carcel V. 6**. Mexico D.F.: Ediciones Era, 2000.

GRANDIN, Greg. **A Revolução Guatemalteca**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Empire's Workshop. Latin America, the United States and the rise of the new imperialism**. New York: Holt Paperback, 2007.

\_\_\_\_\_. **A century of revolution: insurgente and counterinsurgent violence during Latin America's long cold war**. Durham: Duke University Press Book, 2010.

HIMMELSTEIN, Jerome L. **To the right: the transformation of American conservatism**. Berkeley: University of California Press, 1990.

HOLLANDER, Paul. The newest political pilgrims. **Commentary Magazine**, New York, v. 80, n. 2, p. 37-41, ago, 1985.

HOROWITZ, David. Nicaragua: a speech to my former comrades on the left. **Commentary Magazine**, New York, v. 81, n. 6, p. 27-31, jun, 1986.

IBARRA, Carlos Figueroa. Centroamérica: entre la crisis y la esperanza. In: TORRES-RIVAS, Edelberto (ed). **Historia General de Centroamerica: historia inmediata (1979-1991)**. Ediciones Siruela, 1993.

KAGAN, Robert. Losing in Latin America. **Commentary Magazine**, New York, v. 86, n. 5, p. 45-51, nov, 1988.

KEMBLE, Penn. The democrats & the Kissinger Report. **Commentary Magazine**, New York, v. 77, n. 3, p. 25-30, mar, 1984.

KEMBLE, Penn; CRUZ JR, Arturo. How the nicaraguan resistance can win. **Commentary Magazine**, New York, v. 82, n. 6, p. 19-29, dez, 1986.

KIRKPATRICK, Jeane. Dictatorship and double standards. **Commentary Magazine**, New York, v. 68, n. 5, p. 34-45, nov, 1979.

\_\_\_\_\_. U.S. security & Latin America. **Commentary Magazine**, New York, v. 71, n. 1, p. 29-40, jan, 1981.

KRYZANEK, Michael J. **U.S – Latin America Relations [Kindle Edition]**. Santa Barbara: Praeger, 1996.

LAFEBER, Walter. **Inevitable Revolutions: The United States in Central America**. New York: W.W. Norton & Company, 1984.

LEOGRANDE, William. **Our Own Backyard: The United States in Central America, 1977 – 1992**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998.

LOVE, Maryann Cusimano. **Global Midia and Foreign Policy**. In: **ROZELL, Mark. Media Power, Media Politics**. Lanham: Rowman and Littlefield publishers, 2003.

MENGES, Constantine. Central America and its enemies. **Commentary Magazine**, New York, v. 72, n. 2, p. 32-38, ago, 1981.

MURAVCHIK et al. Sandinista anti-semitism and its apologists. **Commentary Magazine**, New York, v. 82, n. 3, p. 25-29, set, 1986.

NASH, George. **The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945**. Wilmington: ISI Books, 2011.

PASTOR, Robert. **Exiting The Whirlpool: U.S. Foreign Policy Toward Latin America And The Caribbean**. Boulder: Westview Press, 1992.

RANGEL, Carlos. Mexico & Other Dominoes. **Commentary Magazine**, New York, v. 71, n. 6, p. 27-33, jun, 1981.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2009.

ROBIN, Corey. **The Reactionary Mind: Conservatism from Edmund Burke to Sarah Palin**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

RUSSELL, George. Can the sandinistas still be stopped?. **Commentary Magazine**, New York, v. 84, n. 1, p. 26-34, jul, 1987.

SANTAMARÍA, Abel Henrique. **La Gran Estrategia: Estados Unidos vs America Latina**. Havana: Editorial Capitan San Luis, 2013.

SCHWARTZ, Stephen. Nicaraguan journey. **Commentary Magazine**, New York, v. 82, n. 5, p. 64-69, nov, 1986.

SINGER, Max. Can El Salvador be saved?. **Commentary Magazine**, New York, v. 72, n. 6, p. 31-36, dez, 1981.

\_\_\_\_\_. The record in Latin America. **Commentary Magazine**, New York, v. 74, n. 6, p. 43-49, dez, 1982.

\_\_\_\_\_. Losing Central America. **Commentary Magazine**, New York, v. 82, n. 1, p. 11-14, jul, 1986.

THOMAS, Victor Bulmer-. **Nicaragua desde 1930. In: BETHELL, Leslie (ed). História de America Latina (V. XIV)**. Barcelona: Editora Crítica, 2001.

TORRES-RIVAS, Edelberto (ed). **Historia General de Centroamerica: historia inmediata (1979-1991)**. Madrid: Ediciones Siruela, 1993.

VANDEN, Harry; PREVOST, Gary. **Politics of Latin America: The Power Game**. New York: Oxford University Press, 2002

WILENTZ, Sean. **The age of Reagan**. New York: Harper Perennial, 2009.

ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaraguense**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ZINN, Howard. **People History of The United States**. New York: HarperCollins Publishers, 2005.

